

MAGAZINE

Show

HOMENAGEM
Leila Pinheiro e Jaime Alem Trio interpretam Fátima Guedes (foto). Pág. 3



www.otempo.com.br

O TEMPO BELO HORIZONTE TERÇA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 2013

Música

Makely Ka, Kristoff Silva e Pablo Castro apresentam hoje show comemorativo de dez anos de disco histórico

Três músicos e a outra cidade

MARCO ANTÔNIO GONÇALVES/DIVULGAÇÃO

■ THIAGO PEREIRA

O show "A Outra Cidade", que acontece hoje à noite no Teatro Bradesco, é fruto de uma importante memória geracional, onde o encontro de três artistas plantou uma semente fundamental na música mineira contemporânea. Se Makely Ka, Kristoff Silva e Pablo Castro atualmente representam carreiras exemplares, tudo começou com o álbum homônimo, lançado há uma década. Uma legítima ação entre amigos que agora é celebrada.

"Os pontos de encontros da nossa geração foram os festivais de inverno em Ouro Preto", revela Makely. No final dos anos 1990, ele estava morando na cidade. "A turma que tinha se formado nos anos 70 dava oficinas, como o Uakti, o Giramundo, um momento muito efervescente", diz. Foi na cidade histórica que o músico conheceu Kristoff e Castro.

"Eu conheci o Kristoff em 1997, tivemos um trio de música experimental", lembra Castro. "Depois nos reencontramos todos, e passamos a apresentar aos outros, músicas novas que fazíamos". O ponto de encontro da turma, já em Belo Horizonte, era a casa "Dragões do Paraíso" (situada no bairro Paraíso), espécie de coletivo onde Makely morava (Kristoff se mudou para lá posteriormente) junto com outras figuras importantes da cena cultural, como o poeta Renato Negrão e o



Trio. Kristoff Silva, Makely Ka e Pablo Castro relembram início da amizade, que resultou no disco

cinasta Sérgio Borges. "Fazíamos espetáculo de poesia, shows, eventos no terraço da casa", lembra Makely.

Ali eles começaram a fermentar uma produção autoral. "Makely sempre teve essa postura de tocar as próprias músicas. Em um sarau eu tinha memória para 300 músicas, o Pablo sabe tocar o repertório inteiro do Clube da Esquina, era um contraste absoluto, que aos pouco se atenuou", assume Kristoff Silva. Ele, que tocava com a cantora Alda Rezende, começou também a compor para ela e com os parceiros.

Logo essas vozes se en-

contraram com outras em um palco em comum, o "Reciclo Geral", evento realizado no bar Reciclo, que deu espaço para toda uma nova geração de músicos, como Mestre Jonas, Vitor Santana, Leopoldina. "Estávamos descobrindo a existência de cada um. Vimos que tinha uma unidade, não necessariamente estética, mas de gesto, de atitude. Durante três meses lotou, marcou uma geração, que está aí até hoje, fazendo música com 'M' maiúsculo, que ainda está buscando soluções criativas", lembra Castro. "No nosso campo, a visão era pouco alentadora, pou-

co instigante. Ou a gente ficava parado ou fazia. Foi o início do processo de falência das grandes gravadoras, e a gente foi no 'faça você mesmo' e vamos fazer juntos", sintetiza Makely.

CENA URBANA. Essa movimentação toda era reflexo de novas leituras possíveis para Belo Horizonte. "Discutíamos muito isso, sobre 'tematizar' a cidade. Era uma questão óbvia, andávamos muito a pé, usávamos muito transporte coletivo. A cidade estava muito presente e isso foi para o disco. Violência, mobilidade urbana, a solidão dos grandes cen-

tro, questões muito atuais que não envelheceram", garante Makely.

Os três decidiram materializar o momento através de um disco coletivo, uma iniciativa que impressiona principalmente se notarmos que era a estreia fonográfica de todos. "De alguma forma não deixa de ser um eco do que havia sido feito", compara Castro. "O próprio Clube da Esquina era um projeto de vários artistas, muito catalisado pelo Milton, mesclando muitas coisas do ponto de vista estético", reconhece. "Tínhamos muitas músicas juntas, era uma celebração do

nosso surgimento. Ceder para o outro envolve generosidade, uma afinação de perspectivas estéticas dentro da canção que não é fácil, é um território muito heterogêneo, sempre hidratado pelas nossas influências sonoras". "A cidade nos serviu como guia. Mesmo sendo uma grande metrópole, BH tem uma muita referência do interior, um manancial de coisas que geram uma multiplicidade grande. Tínhamos um direcionamento ideológico", diz Makely.

CONTINUA NA PÁGINA 3



ALEXANDRE LOPES/DIVULGAÇÃO



‘É o maior letrista da nossa geração, talvez de todo o país, tem um arsenal poético forte’

Makely segundo Castro

MARCO ANTÔNIO GONÇALVES/DIVULGAÇÃO



‘É um mestre que ensina muito sobre o poder de síntese, de conseguir arredondar uma canção’

Castro segundo Kristoff

THIAGO COSTOLI-BRUNA CARVALHO/DIV.



‘Ele tem a capacidade mais bem resolvida de encontrar musicalidade da palavra, o grão da voz’

Kristoff por Makely